DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

'CAMPEÃO,,—AVEIRO

Decano dos jornais portuguezes

Ano 69.º—Numero 6:726—Sabado, 22 de janeiro de 1921

Campeão das Provincias

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 3$50 Numero do dia, 6 centavos; atrazado, 7 centavos. Para alem-mar, 5$00; Brazil, França e Inglaterra, 5$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cáda mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 50 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 40 centavos por linha singela; na 2.ª, 30; na 3.ª, 25 e na 4.ª, 20
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

LUTA INGLORIA

Está de novo travada a luta contra a imprensa de Lisboa. Fois desta vez a C. G. T., organismo que tem a pretenção de fazer abdicar os jornais da sua liberdade de raciocinio e ação, sujeitando-os á sua autoridade, quem a provocou.

Submetêram-se redatores, reporteres e informadores, e a seguir distribuidores e tipografos. Destes, nem todos. Ha nos mais praticos e bem orientados uma grande corrente contrária. E tanto que os jornais se fundiram todos num só, publicando-se, com duas edições diarias o *Jornal*, que é feito pelos que á gréve não aderiram e se mantéem honrando os seus contratos e a sua isenção.

O pessoal em gréve exige salarios incomportaveis, e, mais do que isso: a sujeição da imprensa a uma especie de censura vermelha, que seria a mais autentica subversão de toda a liberdade de pensamento e escrita.

E' claro que por nenhum principio, sem quebra de dignidade, a imprensa podia aceitar condições de tal ordem.

Alem do agravamento de impostos e das taxas telegrafo-postais que ultimamente vieram agravar as já tão más condições de vida dos jornais, sobre o prêço extraordinario que o papel e material tipografico atingiu, e ainda sobre todos os exagerados encargos que pésam sobre as emprêzas jornalisticas, vinha o acrescimo do salario em proporções tais, que aniquilariam, sem exceção, pequenas e grandes emprezas.

Não ha um só jornal de Lisboa que possa com elas. E o resultado é este: findam todos, publicando-se um só, pelo que amanhã se arrastará pela provincia uma numerosa caravana de individuos a solicitar trabalho ou ocupação, que pela provincia não ha para lhes dar.

Os jornais que deixaram de publicar-se tinham quadros relativamente importantes. E a resolução das suas emprezas é inabalavel. Na reunião em que tomaram resoluções definitivas, foram estas por todos consideradas compromisso de honra inalteravel. Mantê-lo-hão atravezde tudo.

E eis como, por uma exigencia inexequivel, absolutamente incompativel com as forças orçamentais das emprêzas, e ofensiva, na sua acção moral, da dignidade pessoal e profissional dos jornalistas, se enerva uma importante parcela da atividade, prejudicando centenas de pessôas e industrias que só do jornal vivem, não falando no grande numero de homens para quem o trabalho tipografico se encerra e que tem de deslocar-se de Lisboa para ir procurar por aí fóra onde prestar os seus serviços.

Aí está no que dão as exigencias do impossivel, porque a verdade é que já não ha possibilidade de arrostar com o exagêro dos salarios, e no que dão as gréves.

Das gréves ráros sáem melhorados. Desta então, peor do que de todas as outras.

Atualidades

Até que emfim Foi finalmente votado, na sessão de 3.ª feira, na camara dos srs. deputados, o projeto ha muito pendente de resolução relativo ás subvenções dos funcionarios municipais.

Ha nada menos de dois anos que o funcionalismo administrativo municipal reclama o que para todos os restantes servidores do Estado repetidas vêzes foi estabelecido.

Unica classe por atender, foi preciso que o nosso querido amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, metesse hombros á empreza para a fazer valer. Sem o seu esforço, o projeto ruiria por que tinha contra si uma formidavel oposição de algumas camaras municipais. Foi o seu valor, consignado com a boa vontade daqueles dos seus ilustres colegas com que conta sempre, quem á desprotegida classe prestou nesta altura o maior de todos os serviços. E' bom assentua-lo para que não venha um dia a gralha a pretender enfeitar-se com as penas do pavão.

O projeto, agora aprovado naquela casa do parlamento, deve sêr submetido por estes dias á sanssão do Senado, depois do que será convertido em lei e é do teor seguinte:

«Artigo 1.º—Os corpos administrativos concederão aos empregados das suas secretarias ajudas de custo de vida nos termos e nas importancias estabelecidas pelo artigo 7.º do decreto n.º 7:088 de 4 de novembro de 1920.

§ unico.—Os aumentos nos respetivos vencimentos que aos referidos empregados tenham sido estabelecidos por deliberação dos corpos administrativos além das importancias dos mesmos vencimentos fixados por lei, serão incluidos nas subvenções a conceder por virtude desta lei.

Art. 2.º—Aos funcionarios dos corpos administrativos, que estiveram aposentados, será concedida metade da ajuda de custo de vida estabelecida no artigo 1.º.

Art. 3.º—As subvenções dos funcionarios do Estado ao serviço das Juntas-gerais autonomas, serão pagas por estas, nas importancias que receberiam se estivessem ao serviço do Estado.

Art. 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

O *Campeão*, que desde o inicio da tenaz campanha do funcionalismo municipal o acompanha defendendo os seus direitos, recebeu naquele dia á noite um telegrama do sr. dr. Barbosa de Magalhães comunicando-lhe o facto, que foi logo transmitido a todos os interessados do distrito. Estes reuniram no dia imediato e resolveram que o presidente da sua comissão distrital enviasse áquele ilustre representante da nação o seguinte telegrama:

«O funcionalismo municipal de Aveiro, interpretando o sentimento unanime dos seus colegas dos diversos concelhos do distrito, apresenta a v. ex.ª a expressão sincera do seu mais vivo reconhecimento pela acção primacial, verdadeiramente decisiva, desenvolvida por v. ex.ª na resolução das suas justas pretenções.

Com o afetuoso testimunho da nossa indêlevel gratidão e homenagem da nossa dedicação pessoal e afectiva, o pedido do nosso agradecimento tambem aos ilustres deputados que acompanharam v. ex.ª. O presidente das comissões concelhia e distrital, *Firmino de Vilhena*.»

O pão Não obstante o aviso e solicitação que fizémos para que se não deixe de verificar o pêso do pão, não nos consta que a medida tivesse já sido aplicada desde aí, até mesmo porque o pão continua a sêr vendido por igual preço e igual tamanho.

Sabemos de familias que, dia sim dia não, o mandam vir de fóra, pagando-o a $40 o quilo. Como é então que lá fóra póde vender-se assim, e exato no pêso, e em Aveiro só se adquire pelo dôbro e com o pêso diminuido?

Leote O sr. Leote abandonou a campanha nos jornais. A ultima carta do sr. dr. Alfredo Nordeste têve o condão de o fazer remeter ao silencio, de que bem melhor lhe fôra não têr saido.

Ha de têr-se arrependido muito. Não vingou o despeito e não vingou a calunia. Ambas as armas manejou, mas com tão assentuada inhabilidade, que logo desiquilibrou sossobrando.

Não lhe valera mais estar calado?

Notas e cedulas Andam num estado repugnantissimo as cedulas e as notas de menor valor.

Sem atenção de qualquer ordem pela higiene, que elas tanto comprometem, ninguem toma o expediente de as fazer substituir.

Já tinhamos o Estado como o primeiro de todos os concorrentes e culpados no encarecimento da vida. Ninguem tenha duvidas sobre isso: no aumento prodigioso das contribuições, no consentimento da ignobil exploração das grandes companhias—as dos caminhos de ferro, as dos fosforos, tabacos, etc.—na falta de medidas de fomento e de trabalho e ainda ultimamente no acrescimo fabuloso das formulas de franquia.

Têmo-lo agora tambem patrocinando a imundicie. Os farrapos de papel em circulação, representando moeda, são condutores de toda a especie de mixordias.

Pois não se substituem com facilidade. Em algumas delas já nem com tenaz se lhes póde pegar. Exalam cheiro pestilento. Andam pegajosas, e causam nausias.

Pedir providencias é prégar no deserto. Limitamo-nos por isso a lavrar protesto.

Dr. Marques dos Santos

Professor da Faculdade de Medicina, com pratica nos hospitaes de Paris, Bordeus e Genébra

DOENÇAS DA GARGANTA, NARIZ E OUVIDOS

— ANALISES CLINICAS —

Coimbra—R. do Visconde da Luz, 46

Aspectos da guerra

O very-light verde

Situação Calma—Vento N. E.

O *very-light* verde num ramo mal desenhado de parabola tomado duma melancolia funda aparece de subito marcando um interegno de horas ao silencio já pesado que amortalha a 1.ª linha.

Tomando por feliz augurio a serenidade eloquente dos céus, ninguem diria que aquele sinal de côr esperançosa, prometedor fosse o pronuncio dum drama a desenrolar, o prefacio dum tratado enorme e sempre o epilogo duma noite serena de trincheira de brisa cálida favoravel a pequenos deslocamentos de ar, onde o beijo quente da viração vem perjuro, falso como um Judas, marcar o preço duma vilania, consumando um atentado. E' o sinal da morte lenta mas segura, disfarçada em nuvens de fumo amostardado a espraiar-se preguiçosamente, como as ondas do mar encrespado de encontro ás praias bonançosas.

E a desolação duma magua infinita a chorar desgraçada aposa-se do espirito valente dos bravos que a não receiam, mas que a querem devagar no sentimento nobre da desforra, dos simples que vêem no fantasma sem forma na nuvem espessa de principio uma hipotese apenas, ignorantes dos palavrões complicados de quimica de Lavoisier nos perniciosos efeitos das combinações e misturas!...

Gaz álerta! E' o grito que galvanisa o mundo visinho a acordar os escalonamentos, e que nunca mais se esquece parecendo que os proprios mortos sentindo o bafo peçonhento beijar-lhe as campas na precipitação da sua deusidade grande, os afastam num acto de repulsa colerica por mais esssa mentira, de punhos cerrados, num *basta* feroz como uma tempestade desencadeada num trovão que submete tudo. Ha um grito unico, rouco, amorfanhado a traduzir uma frase simples de quatro silabas, como uma imprecação a rasgar o espaço naquela humanidade esquecida, para se seguir a serenata desafinada dos chocalhos febris num aviso duradouro de «salve-se quem poder» e por fim o silencio sepulcral duma defeza muda, passiva

A linha sinistra como um remorso, inativa, cheia de uniformidade, calcada por centenas de figuras exoticas, scafandricas, lembra um vasto mosteiro de monges de ar beatifico, no grande retraimento das recordações passadas, fieis e simples no dolorosissimo serviço dos silicios e misticismo, indiferentes á vida em que já não acreditam cheia de paixões velhacas, incapaz dum resurgimento nas alcavalas planeadas pela convenção dos povos em sociedades modernas civilisando-se...

Deixou de se sentir a acção do comando.

Os galões desapareceram lambidos pela mixordia toxica que os soube converter numa substancia negra, oxidada, a roubar-lhe a prosapia da patente. E de todo este conjunto que constituia um esforço, talvez incompreendido por sêr grande de mais, e que agora lembra um carnaval alimentado por uma bebedeira vulgar, apenas os olhos aparecem humanos, como pontos de interrogação na arcada vitrea das mascaras, engastoados numa retina nebulosa, de fóco aproximado, míopes. O sangue aflue congestionado á cabeça, parecendo que toda a vida se centralisa ali, e no trabalho cardiaco de movimentos apressados, faltos de cadencia, apalpa-se uma insuficiencia de irrigação que dificulta o funcionamento mecanico dos musculos, conservando-os pregados na inconsciencia do irracional submetido, falto de conhecimento de tudo o que o cerca, invariavel como o bronze atravez dos seculos!...

E então nesta altura ha as lagrimas amargas e bemditas dum exercito que chóra uma represalia demorada, amassadas no desespero dum Waterloo historico que destruiu uma aguia e derrubou um trono, lagrimas de scintilações ao rubro com laivos de sangue, nascidas da fusão triste de mil cousas convergentes, más como o ar envenenado, agora coado pelo filtro dum deposito cheio de ingredientes antidotos e neutralisantes...

E a nuvem lenta como um cilindro caminha errante, desnorteada, fluidica, a aliciar no trajéto que a respeita e teme a cumplicidade dum vento fraco que a esparja mais, que a desenvolva como uma tése a traduzir um problema demonstrativo de analise, a visitar a retaguarda ameaçada, coacta, influenciada pela 1.ª linha na generosidade altruista dum sinal prolongado, dessa linha que jaz profunda no seu scismar, pegada á transmissão secundaria de gestos de mimica, na decifração incompleta dos surdos-mudos natos!

A retaguarda apresenta-se grave e meditabunda entre os bastidores desta representação ligeira. Tem alguma coisa de invulgar agora, na vida em estasis que disfruta. Saiu da apatia onde não ha cuidados, para aprender na escola dura do dever, que a guerra tem alguma coisa mais do que o usufruto de comodidades, e que é no verdadeiro contraste das sensações que se sente a vida, feita da sua sintese exacta.

Ha em volta de toda esta hecatombe, um élo forte que prende, uma simpatia reflexa que incide simultaneamente e com igual intensidade nos dois anteparos congeneres que limitam o mesmo desejo, traduzem a mesma vontade, e anceiam pelo mesmo resultado.

Aquela nuvem camoflada irmanou-os, fundiu-os numa confraternisação real, nivelando-os em identidade numa solução procurada.

Civis, militares. todos comuns na mesma causa, filhos do mesmo sentimento, unidos desta maneira sentem bem o preço duma afronta ao direito das gentes, agora decifrada no pelago de chumbo que pesa sob as suas cabeças desfiguradas e apopleticas. Vivem um pouco na mesma atmosfera, até que a nuvem se despedace, seja assimilada pelas toxinas dum grande reservatorio que aqui se chama o espaço!...

E a fugir deste scenario louco a coalhar-se numa sombra pálida vê-se da 1.ª linha saír esqualido de olhos esgaseados, como homem que leva um fim imprescindivel, uma resolução inabalavel, sem atender á baioneta da sentineia que se cruza á sua passagem como a repreender-lhe a leviandade da sua falta, e a admiração do seu gesto atrevido, um soldado simples, ignorado, de cabelo ao vento a caminhar sem um desfalecimento, numa velocidade vertiginosa com uma ideia fixa a avassala-lo, zigazeando como um trado pela linha de comunicação, onde se desloca como ébrio na sua lucidez já fraca...

A seguir um baque sêco de corpo pesado sobre uma passadeira pôdre e enlameada, um protesto abafado que se ouviu distinto no mutismo significativo daquelas trevas, e um cadaver mais a glorificar uma apoteose grande!...

Passados minutos pelo mesmo logar deslisa seguro nos seus passos firmes, um inglez espaduado, de hombros largos, possante, grave num cachimbo de 12 francos, que ostenta com aprumo o baraçal verde e preto de especialista de gaz. Vem sem mascara já, a balbuciar pela trincheira o santo e senha a fornecer ás sentinelas vigias, pronunciados num portuguez *mélangé*.

Tropeça em qualquer cousa que desconhece a principio, certifica-se que é um soldado amigo secular numa aliança antiga, sacode-o com impaciencia, observa-o, mira-o em todas as posições, pega na mascara esburacada, impropria, franse ligeiramente a testa ampla e loura e .. compreende tudo.

Dá alguns passos mais, passos firmes, e ao encontrar a primeira sentinela de reconhecimento toca-lhe amigavelmente no hombo e dá-lhe por senha ao sentir ameaçado o seu peito de Hercules, a seguinte frase: *kamerade no gaz!*...

J. A. Rebocho Vaz.

Carteira de apontamentos

Festas de familia:

Fazem anos:

Hoje, as sr.as D. Maria das Dores Rebocho de Souza Monteiro, D. Caridade Marques Hespanha de Rezende, e os srs. D. Francisco de Almada de Saldanha e Quadros e o sr. Adelande Estevam Arala Chaves.

Amanhã, a sr.ª D. Adriana Corrêa de Oliveira de Freitas e o sr. Acacio de Seabra Mendes da Costa.

Alem, a sr.ª D. Maria Zelia de Machado Teixeira, e os srs. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo e Carlos Julio Duarte.

Depois, a sr.ª D. Izabel Sampaio de Castro Corte-real.

Em 25, a sr.ª D. Maria Luiza Mota, e os srs. Fernando de Vilhena Barboza de Magalhães, Alfredo Franquera e Licinio Pinto do Souto.

Em 26, o sr. dr. Alberto de Oliveira e Cunha.

Em 27, as sr.as D. Maria Emilia Coelho da Mota Prego e D. Maria da Luz Faria, e o sr. Caetano Ferreira.

Em 28, a sr.ª D. Maria Emilia Pereira da Silva de Bourbon de Magalhães Mesquita e o sr. Julio Alvarenga.

◆ Deu á luz, com muita felicidade, uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Benedita Vieira, esposa do sr. Augusto Decrok

◆ Em Alcanêna, residencia de seu pai e nosso presado amigo, sr. dr. José Pereira Viegas, realisou-se ultimamente o casamento do sr. Antonio de Seabra Coelho, filho do diretor da Escola-central masculina desta cidade, sr. Coelho, com a sr.ª D. Maria da Encarnação Ramos Vieira, interessante filha do sr. Antonio Vieira Alexandre, bemquisto industrial daquela localidade.

O acto civil, como o religioso, foi assistido de pessôas intimas das duas familias, indo daqui tambem amigos do noivo, o alferes do 24, sr. Lourenço Duarte Guedes e o oficial de marinha, sr. Cosme, e de outros pontos varias pessoas das relações e estima de ambos.

O sr. Seabra Coelho é aqui muito conhecido, pois aqui fez o curso do liceu, destacando-se depois, na defeza de Vouga, quando militar, como então referimos.

Após o copo d'agua que se seguiu á cerimonia religiosa, seguiram os noivos com uma *corbelle* bem provida de objetos de arte e de valor, para Santarem, onde vão residir, pois o noivo exerce ali o cargo de empregado do «Banco-nacional-ultramarino».

Felicitamol-o e desejamos as suas felicidades.

Em viagem:

Regressou, com sua esposa, de Lisboa, onde foi passar o Natal com seu pai e irmãos, o esclarecido clinico municipal de Cacia, sr. dr. Fernando Nunes da Silva.

◆ Regressou da America á sua casa da Alumieira o sr. Joaquim de Oliveira, a quem damos as boas-vindas.

Visitas:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. Manuel Daniel de Sá Santos, dr. Anibal Belêza, José dos Santos Alexandre,

◆ Estiveram tambem em Aveiro, tendo já seguido para Vouzela, os srs. dr. Anselmo Taborda e sua esposa, e Agnelo Regala, Manuel Fernandes de Carvalho e Arnaldo Guimarães.

Enfermos:

Tem estado doente, em Cacia, um filho do nosso amigo, sr. Manuel Teixeira Ramalho, ha pouco regressado de Lisboa.

Mocidade das escolas:

Seguiram para Coimbra, onde vão continuar os seus trabalhos escolares, os alunos da Universidade, srs. Francisco de Assis Ferreira da Maia, Emilio de Azevedo, Manuel Reis, Manuel de Vilhena, Costa junior e J. Meireles.

◆ Regressaram tambem a Aveiro muitos alunos do liceu.

Movimento local

Anotações do passado (1920)—*Dia 22 de janeiro.* — Volta-se um carro de duas rodas, que vinha de Eixo, em frente á redação do *Campeão*, magoando-se bastante dois dos passageiros.

Dia 23—Manifesta-se em varios pontos a epidemia da gripe, felizmente benigna.

Dia 24—Feriado nacional celebrando a vitória de Monsanto.

Dia 25—A cidade acorda com festas ruidosas ao 1.º aniversario da resistencia do Vouga á escalada das tropas realistas.

Dia 26—Volta a chover, mas aquece de novo a temperatura.

Dia 27.—São concedidos á camara 5:000 quilos de açucar para consumo da cidade.

Dia 28.—A carne de porco, que de manhã se comprava a 22$30, sóbe á tarde para 25$50.

O 31 de janeiro.—Solicitam-nos a publicação do seguinte convite:

A grande comissão, que tomou a iniciativa de comemorar o 30.º aniversario do «31 de janeiro» na cidade do Porto, constituida por representantes das coletividades de maior destaque no nosso meio social, deliberou convidar todos os gloriosos revolucionarios d'esse dia memoravel na historia da democracia portugueza, a assistirem á homenagem consagrando os martires e procursores da Republica, no proximo dia 31 de janeiro.

O presidente da Comissão-executiva, Henrique Pires Monteiro, governador civil. O vogal representante da Camara-municipal do Porto, aurelio da Paz dos Reis.

Brinde.—A *Alfaiataria Elegancia-portuense*, tão conhecida do leitor pelas merecidas referencias que por vezes lhe fazemos e ainda pelo anuncio permanente que traz no *Campeão*, ofereceu-nos trez exemplares de uma elegante e preciosa agenda que distribue pelos seus freguezes, e que é um elegante livrinho com calendario e folhas brancas, para apontamentos, inserindo tambem notas de utilidade, indispensaveis a toda a gente como sejam as taxas postais, a lei do selo, etc., etc.

Muito agradecemos.

◆ O nosso ilustre colega *Comercio do Porto* enviou-nos tambem o n.º 12 do seu suplemento mensal, relativo a dezembro de 920, magnifico arquivo de critica e informações, publicação unica no seu genero em Portugal e que nos oferece, num pequeno volume, copiosa materia para estudo dos problemas que mais interessa conhecer.

Vai já no 5.º ano a utilissima publicação. Agradecidos.

Tribunal de desastres no trabalho.—Estão marcados para os dias 24 e 28 do corrente mez e 3 e 11 de fevereiro proximo os juglamentos, em audiencia geral, de varios processos pendentes por motivo de ocorrencias de desastres no trabalho.

São advogados n'esses processos os srs. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, dr. Jaime Duarte e Silva, dr. Querubim do Vale Guimarães, dr. Joaquim Peixinho e dr. Alberto Souto.

«Teatro-aveirense».—As trez noites da récita da «Companhia Samuel Diniz» foram de enchentes completas.

O bom nome de que a troupe vinha precedida e assim os das peças, levou ao teatro uma enorme concorrencia, que o enchia absolutamente.

E não houve que arrepender-se não pela ultima, cuja peça foi subsitituida e é muito inferior. A companhia tem realmente elementos de qualidade, muito homogenios, quasi que não havendo que distinguir no seu todo.

Iréne Grave, Sara Lima, Samuel Diniz, Ernesto Rodrigues, e outros, são figuras de valimento certo.

Das peças destacamos *O az*, que não só foi magnificamente desempenhado, mas atè pôsto em scêna com esmêro.

Procissão de Cinza.—A meza da Ordem de S. Francisco iniciou os trabalhos de subscrição para pôr na rua, n'este ano, a procissão de Cinza.

As procissões em Aveiro foram sempre e continuam sendo feitas com o esplendor e o brilho que não tem em qualquer outra parte. A da Cinza traz aqui centenas de devotos de todos os recantos do distrito, mórmente da beira-mar. E' um dia grande para o comercio Aveiro, a quem cabe, como a ninguem, o dever de auxiliar o decidido empenho da diretoria daquela ordem religiosa.

Em favor dos pobres.—Deve realisar-se amanhã, se o tempo o permitir, no Jardim-publico um chá que a sociedade elegante da nossa terra oferece a quem queira concorrer para minorar a má sorte da pobrêza indigena.

Far-se-ha ouvir a banda do regimento de infantaria 24, sendo as mêzas servidas pelas senhoras promotoras da festa de caridade.

Ha tambem corrida de sácos e de bichos guiados por creanças.

E' um pensamento generoso, a que de certo ninguem deixará de prestar o merecido preito.

A baixa.—Tinha de ser, através mesmo de todos os entraves opostos pela ganancia do mercieiro corruto.

Assim, os jornais do Porto e Lisboa traziam já na segunda-feira a seguinte interessante noticia:

«Na sucursal da Manutenção-militar, ao Campo de Santa Clara, inaugurou-se ontem o primeiro armazem regulador de preços. Os generos estão agrupados por secções, sendo o serviço de balcão desempenhado por senhoras.

A maioria dos produtos é da Manutenção-militar, sendo adquiridos e vendidos quasi que por metade do preço».

Não tardará, crê-se com bem fundada razão, que a abundancia se estabelêça por toda a parte, e assim que até nòs chegue em breve a parte que nos cabe.

Dos mêsmos jornais e alem dos grandes anuncios das importantes Casas *Grandela*, *Armazens do Chiado* e outras, a que já nos referimos, encontram-se avisos de baixas de preço em muitos artigos de vestuario, oferecendo já tambem os *Armazens Cunhas*, do Porto, uma grande revolução no calçado, desde 14 a 10 escudos.

Ha de ir indo, a baixa, não diremos já até aos preços por que ha 4 anos se adquiriam generos e artigos de primeira necessidade, mas muito para alem de 80 % do seu custo atual.

Retratos.—Amigos dos falecidos João Pinto de Miranda e Domingos Vieira, cootisaram-se para lhes perpetuar a memoria com a colocação dos seus retratos na sala da banda dos *Voluntarios*.

Farão tambem resar uma missa sufragando a sua alma, tendo essas piedosas manifestações logar no proximo dia 29.

Vai o convite na secção competente.

Palacio da Justiça.—Vão ultimar-se os trabalhos de adaptação do antigo edificio da Sé a tribunal e cadeias da comarca.

Logo que a parte que ás cadeias é destinada esteja concluida, o que não demorará, passarão para ali os presos e todos os serviços de carceragem, ficando livres os Paços-do-concelho, que serão tambem por sua vez convenientemente modificados.

E' necessario dizer.—A ultima exigencia administrativa em materia de encargos para a imprensa, eleva as taxas de cobrança de forma que uma importante parte do que o assinante paga pela sua assinatura é absorvida pelo Estado.

Cada recibo paga ao Estado: $01 de requisição; $01,5 de selo; $02 de premio do vale; $02 do selo do vale; $02 da estampilha; e $10 do respetivo registo. Total de todas estas *bagatelas*, por cada recibo, $18,5.

Parece que não é nada. Pois são apenas $69,5, em cada recibo de um trimestre, que ficam á empreza para pagamento de salarios ao seu pessoal, para o elevado custo do papel, para as tintas e massas em que se empregam, para a constante deterioração do material, para as pesadas contribuições sobre a industria, sobre a propriedade, sobre o porte do jornal, agravadas com a obrigatoriedade do seguro social, com a diminuição do trabalho, etc., etc., etc.

Ha, porem, recibos cuja remessa se renova duas e tres vezes por que o assinante não pagou da primeira ou da segunda, tendo assim de renovar-se tambem a parte mais importante daquele todo, em selos ou estampilhas a apôr de novo em cada expedição.

Nestes termos e porque o meio unico de cobrança para varios pontos do paiz é este, nós sômos forçados a pedir aos nossos assinantes a sua maior atenção para os graves prejuizos que sofremos quando por qualquer circunstancia deixem de satisfazer dentro do praso determinado no respetivo aviso do correio.

Nenhum deles, queremos crê-lo, propositadamente deixa de satisfazer. O que é certo, entretanto, é que, quando o faz, obrigando a administração a repetir a remessa, o prejuizo se dá.

Para evita-lo, mormente na quadra penosa que a imprensa atravessa, neste momento, instantemente rogamos aos srs. subscritores o favor de impedirem a devolução pelo pagamento imediato dos seus recibos.

Certos estamos de merecer-lhes essa atenção, e daqui e desde já com gratidão nos confessamos reconhecidos.

Movimento associativo.—Tomaram hoje posse, na «Sociedade Recreio-artistico» os novos corpos gerentes, que hão de administrar esta florescente associação no corrente ano, e cujos cargos recairam nos seguintes cidadãos:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, Albino Pinto de Miranda; vice-presidente, Antonio Augusto da Silva; 1.º secetario, Armando Madail Ferreira; 2.º secretario, Julio de Lemos.

CONSELHO FISCAL — Manuel Maria Moreira, José Miguels Picado Junior, José Marques Sobreiro.

DIREÇÃO — *Efectivos* — Presidente, Joaquim Ferreira Felix, vice-presidente, Manuel Pedro da Conceição; tesoureiro, João Vieira da Cunha; 1.º secretario, Joaquim Fernandes Martins; 2.º secretario, Valentim de Oliveira Martins; 1.º vogal, Jacinto Aurelio de Figueiredo; 2.º vogal, Hermenegildo Duarte; 3.º vogal Firmino Costa; 4.º vogal, Constantino dos Santos Silva.

SUBSTITUTOS—Presidente, Julio Rodrigues da Silva; vice-presidente, Joaquim Antonio Ferreira; Tesoureiro, Joaquim Pedro Ferreira; 1.º secretario, José do Espirito Santo; 2.º secretario, José Marques da Silva; 1.º vogal, Avelino de Carvalho; 2.º vogal, Duarte de Deus Regino; 3.º vogal, José Maria Rodrigues; 4.º vogal, Dionisio Coelho da Silva.

Em poucas linhas.—O relogio regulador da cidade tem andado ás turras com a regularidade da sua demora. Ora se adeanta, ora se atraza, e até já chegou a parar.

◆ Temos tido agora melhores dias. O de domingo ultimo foi verdadeiramente primaveril.

◆ Já se andam colocando os postes dos fios condutores da eletricidade para a iluminação publica.

◆ O tempo melhorou e a temperatura modificou-se um pouco para melhor.

◆ Já se conhecem os dias, como diz o nosso povo. «Janeiro fóra tem eles mais uma hora».

◆ Em muitos dos estabelecimentos locais se vêem já grandes sortidos de mascaras.

◆ A Camara vai proceder á construção dum cano para esgotos na rua da Estação. Fazia-se realmente notar ali essa falta, do que resultava a aglomeração de imundicies pelas valetas.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e o «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem.

Para sêr formosa não basta ter a cutis rosada; é preciso cuidar diariamente da epiderme do rosto e das mãos. Para isso o melhor produto é o Créme Simon (sem protoxido de bismuto), cujo valor higienico está consagrado por 60 anos de exito. Não empregueis com este excelente prepado outro pó que não seja o Pó de arroz Simon com violeta ou heliotropo.

Grande marca franceza.

UMA QUESTÃO IRRITANTE

As falsas afirmações do sr. Leote do Rego

A questão da representação portugueza em Paris absorveu por inteiro as faculdades mentais do sr. Leote do Rego. O despeito, o ciume, o odio com que ele a discute demonstram uma ausencia absoluta de senso e da prudencia que lhe conviria guardar. Por honra propria.

Mas, nós o disemos já: o homem, Deus lhe perdôe, perdeu a cabêça. E desde que a perdeu não tornou a encontra-la.

Voltou, como dissémos, a escrever ao *Seculo*, reeditando afirmações absolutamente falsas e forçando a gente a riposta-lo e a reduzi-lo.

A'quela carta respondeu o sr. dr. Barbosa de Magalhães com esta:

«*Senhor diretor:*—Permita-me v. mais algumas palavras, bem poucas, em tréplica ao sr. Leote do Rego.

Dos factos concretos, que afirmei, e alguns dos quais o sr. Leote do Rego reconhece como verdadeiros, apenas um é contestado.

E' o de que o adido militar em Paris não tem adjuntos; e, para provar o contrario, o sr. Leote do Rego reproduz um cartão de visita do capitão-aviador, sr. Almeida Pinheiro, que diz: «Capitaine aviateur adjoint á l'attaché militaire à la Légation du Portugal».

O sr. Leote do Rego confunde o substantivo *adjunto*, que designa o cargo de *adjunto*, com o adjetivo *adjunto*, que serve para indicar que um funcionario depende ou trabalha junto de outro, ou junto duma repartição.

Pelo decreto n.º 5.787000, de 10 de maio de 1919, o adido militar em Paris tem um adjunto, cargo esse que, durante algum tempo, foi desempenhado pelo major, sr. André Brun. Ha uns mezes julgou-se desnecessario esse cargo e, embora não fosse extinto por lei, deixou de sêr desempenhado por aquele distinto ofical e nunca foi provido.

O capitão, sr. Almeida Pinheiro não é, pois, adjunto do adido militar em Paris; mas, como oficial em missão especial, que o proprio sr. Leote do Rego já indicou, nessa cidade está junto ao adido militar.

Assim é que está certo; e assim se vê que quem labora em equivoco, e lamentavel, é o sr. Leote do Rego.

A proposito, ou, melhor, a desproposito, o sr. Leote do Rego vem falar numa senhora que, em concurso publico, realisado no Conservatorio de Lisboa, obteve uma pensão do Estado e está em Paris, como estão alguns outros pensionistas nas mesmas condições, simpiesmente porque ela é casada com um parente meu e do adido militar.

Como se isso fôsse um escandalo, quando é certo que a pensão de 600 francos por mez não lhe chega para pagar as suas lições.

Até onde leva a má vontade!

Continuando a sua campanha de *moralidade* administrativa, o sr. Leote do Rego volta a fazer curiosas contas sobre os vencimentos do adido militar, que acha excessivos; mas o que é extraordinario é que não achasse excessivos os vencimentos que um dos seus filhos, simples tenente miliciano, auferiu durante o tempo em que prestou serviços na Delegação-portugueza á Conferenciada-paz, e que eram nada menos de 4 libras por dia, alem dos seus vencimentos como oficial, pagos em ouro.

Não é preciso reduzir essas libras e esse ouro a escudos, pelo cambio atual, para fazer efeito; basta dizer que recebia mais do que o adido militar, que é tenente-coronel do estado-maior e professor da Escola-de-guerra, e cujo cargo lhe impõe despezas de representação.

E com isto, sr, diretor, ponho ponto, por agora, agradecendo a v., penhoramente, a publicação desta carta, subscrevo-me, com toda a consideração—De v., etc.—13-1-921.—*Barbosa de Magalhães.*»

A do sr. dr. Alfredo Nordeste, um poucochinho mais incisiva é do teor seguinte:

...*Sr. Diretor de «A Patria»*:—Ao chegar a Lisboa vindo de Paris, em 20 de dezembro findo, por amigos meus foram-me mostrados alguns numeros do seu conceituado jornal, em que eu era posto diretamente em causa pelo deputado, sr. Leote do Rego: num desses jornais publicava-se mesmo o relato dum discurso daquele sr. na respetiva camara, discurso certamente tão corrigido e arranjado para a publicidade que não se lhe encontra a semelhança com o que consta das notas taquigraficas. Neste «discurso», o sr. Leote, a pretexto de moralidade administrativa—e de compressão de despezas—desfechára contra mim a tempestade de ameaças que ha muito concebera e por toda a parte anunciára.

Desde logo, sr. diretor, resolvi defender-me dos ataques que na minha ausencia e em logar onde eu não poderia responder-lhe aquele sr. me dirigira; mas o sr. Leote, por um curioso acaso, na vespera do dia da minha chegada anunciada por todas as gazetas, partira para Paris numa daquelas viagens que tanto a miudo fazem gemer os prelos e são pronuncio de entrevistas de que ninguem em Paris se apercebe, mas de que os jornais de Lisboa dão conta em copiosos telegramas cuja origem é denunciada pela designação «Especial», á laia de assinatura.

Se fôrem lidos em Paris, tais telegramas hão-de certamente deixar assombrado o Quai d'Orsay, ante a facundia do improvisado porta-voz da opinião publica portugueza em materia de politica externa... Que farça, tudo isto!

Não quiz eu, sr. diretor, imitar o sr. Leote, eximio detrator de ausentes; esperei o seu regresso; dizem, porem, as folhas que s. ex.ª chegou, e embora só perturbar-lhe a digestão dos «lombos» dos seus grandes triunfos diplomaticos, tenho de dizer-lhe em desafronta do meu nome algumas duras verdades.

Durante mezes, abusando da boa fé dos informadores dos jornais, s. ex.ª, pendurou a esmo no meu humilde mas honrado nome, Elefantes-brancos do Sião, Estrelas-brilhantes de Zanzibar, toda a «menagerie», emfim, da sua fertil imaginação. Nessa altura, talvez s. ex.ª julgasse que eu teria a tentação de «armar» nos meios parisienses com um mostruario de fitinhas como aquela que, no dizer de s. ex.ª, o autorisa a ostentar nos seus cartões para uso externo o honorifico berbicacho de... *sir*. Não esta isto a pedir um poema?

Todas as campanhas do sr. Leote teem um fim interessado. Isto é já do dominio publico.

Os meus ilustres amigos, drs. Germano Martins e professor Barbosa de Magalhães, já desmascararam o movel desta nova campanha do sr. Leote em cartas que produziram justificada sensação. Vou eu hoje revelar o que me grangeou a honra dos ataques de s. ex.ª no chalacear com que armou á hilariedade da galeria na sessão de 10 de dezembro.

O deputado, sr. Leote do Rego, divertiu imensamente a Camara nesse dia: forneceu assunto para ditos de espirito, pretendeu fazer rir e talvez, primeiro que ninguem, tivesse ele rido das suas proprias palavras. O riso do sr. Leote não póde, evidentemente, durar sempre. A vêr vamos...

Uma das facecias do deputado, sr. Leote, foi a de aludir a uma das minhas colocações no C. E. P. como oficial miliciano da administração militar e que s. ex.ª diz ter sido encarregado do serviço das lavadeiras. Fui, de facto, alguns mezes provisor do Serviço de beneficiação de fardamentos: reivindico com orgulho essa comissão, que exerci a 4 ½ quilometros das 1.ªs linhas, posto arriscado em que me veiu surpreender o 9 de abril, que muitos viram... por um oculo desde as bases, e isto emquanto o sr. Leote se batia com o *foie-gras* do navio-restaurante e após o 5 de dezembro, em Paris, com o subsidio dos correligionarios.

Insistiu tambem o deputado, sr. Leote, nos enormes proventos que eu auferia. Ora esse senhor sabe bem:

1.º—Que eu desde março a dezembro de 1919 tive remuneração identica á de seu filho;

2.º—Que desde essa data, tendo sido nomeado Secretario-geral, só tive a ajuda de custo arbitrada aos meus antecessores, srs. dr. A. de Vasconcelos e Antonio Bandeira, acumulando «sem remuneração especial» essas funções, com as de secretario particular e chefe do gabinete de s. ex.ª o Presidente da Delegação, que dispensára por motivo de economia os respetivos titulares;

3.ª—Que extinta a Delegação portugueza, acumulei as funções de encarregado de todo o arquivo e do expediente com a Conferencia dos embaixadores, com as do meu cargo de secretario do sr. Delegado á Comissão das reparações, isto «ainda sem remuneração especial».

Resumindo:—Acumulei muitos cargos, no que sacrifiquei a minha saude, mas nunca acumulei vencimentos, e os grandes proventos que no dizer do sr. Leote auferi, não evitaram que prejudicasse os interesses da minha casa com a minha estada em França, donde voltei, posso afirma-lo, mais pobre do que fui.

Os «agravos» que o sr. Leote me atribue, sr. diretor, são;

1.º O haver contribuido para que um dos seus filhos fosse dispensado do serviço da Delegação-portugueza á Conferencia-da-paz após o ter terminado ali a sua função;

2.º O não haver sido paga ao mesmo seu filho a ajuda de custo diaria de 4 libras durante os dias em que se conservou em Paris após o terem sido dispensados os seus serviços (para o sr. Leote não são imorais as ajudas de custo em libras que dêem entrada na sua algibeira, direta... ou indiretamente);

3.º O não haver sido colocado ainda o mesmo seu filho na Comissão inter-aliada das reparações.

Nenhum destes factos me póde sêr imputado. Não contribui para eles, nem com a minha ação, que seria descabida, nem com a minha opinião, que poderia ser tomada por impertinente.

No primeiro e no segundo dos casos apontados, só quem desconheça o intransigente zelo do sr. dr. Afonso Costa na aplicação dos dinheiros publicos poderá admitir que ele procedesse diferentemente.

Só no ultimo daqueles casos é que se manifestou a minha interferencia, dentro da esfera das minhas funções, interessando me e intercedendo por que fosse indicado para a Comissão das reparações um filho do sr. Leote. Mas como este sr. não conseguiu o que desejava, pois na sua incomensuravel vaidade julga-se com direito a tudo—para si e para os seus, (e s. ex.ª está atacado, ha tempos, de *paternite* aguda) deitou-se a arquitetar um plano de vingança contra o ilustre presidente da Delegação portugueza, dr. Afonso Costa, e contra mim, seu secretario.

A campanha começou por ameaças... a praso. Ou se lhe empregava o filho... ou ele falava... Vendo que não conseguia intimidar-nos, passou aos *sueltos* e artigos nos jornais. Por ultimo, servindo-se do mandato de deputado que lhe foi conferido pelo P. R. P., cuja confiança traiu, o sr. Leote, arvorando-se em paladino do regimen das... economias, iniciou uma serie de diatribes contra os membros da Delegação-portugueza á Conferencia-da-paz, aduzindo para lançar poeira nos olhos do publico uma série de dados errados e expostos com insigne má fé. Ao referir se a mim, o «desinteressado», sr. Leote, como se apenas o sentimento da justiça o movêsse, quiz dar ao auditorio a impressão de que nem conhecia o atacado funcionario Nordeste—«um tal Nordeste», disse s. ex.ª. Ora, não é assim, sr. diretor. O tal Nordeste não é um desconhecido para o sr. Leote.

O tal Nordeste, é aquele mesmo individuo que o sr. Leote durante muitos mezes visitou diariamente chamando-lhe «seu querido amigo dr. Nordeste».

O tal Nordeste é o mesmo dr. Nordeste (como ele habitualmente o tratava) que tantas vezes correu Séca e Méca para satisfazer pretensões do sr. Leote ou de creaturas por ele patrocinadas.

O tal Nordeste é o mesmo dr. Nordeste que tantas vezes se dirigiu ao Prefeito do Sena para obter «vistos» em passaportes de pessôas perante quem o sr. Leote pretendia passar por pessôa de influencia e grangear assim popularidade, mas pelas quais nada podia fazer por si.

O tal Nordeste é ainda o mesmissimo dr. Nordeste que varias vezes, com calor digno de melhor causa, defendeu o sr. Leote quando o atacavam pessôas de nacionalidade estrangeira que diziam ter sido suas associadas e que até á Delegação-portugueza á Conferencia-da-paz contra ele vinham queixar-se de actos reputados pelos seus acusadores de natureza criminosa.

Como v. ex.ª vê, sr. director, quem eu sou, já o sr. Leote o sabe. Sôbre quem é o sr. Leote falaremos não para os que já o conhecem, que esses de ha muito estão edificados, mas sim para as poucas pessôas que porventura ainda o não conheçam e possam têr sido tentadas a tomar a serio as suas campanhas de escandalo. Para isso, bastar-me-ha que me sejam concedidas as autorizações, que já pedi para a publicação de alguns documentos, oficiais uns e de carater particular outros, que porão em evidencia o que tem sido aqui, mas sobretudo no estrangeiro, a ação do sr. Leote do Rego em prol do bom nome do nosso paiz. E talvez que após essa publicação mais amarelo se torne o riso do sr. Leote do Rego.

Desculpe-me, sr. diretor, tomar-lhe tempo a si e espaço ao seu jornal e creia-me—De v., etc., *Alfredo da Cruz Nordeste.*»

Contra os factos, porque são factos quanto o sr. dr. Nordeste afirma, veio ele á *Patria* com a seguinte insinuação:

«A' carta que ontem publicou na *Patria* o sr. dr. Alfredo Nordeste que é, como se sabe, tenente miliciano, parece que o contra-almirante, sr. Leote do Rego, não dará qualquer resposta, por disso o impedirem as leis militares.

Estas não proibirão comtudo que se tornem publicos alguns factos que ao ministerio dos estrangeiros chegaram já e que são atribuidos ao ex-secretario da Delegação-portugueza á Conferencia-da-paz, e diz-se que o sr. Leote do Rego vai ocupar-se deles.»

A' manifesta ruindade com que isto fez publicar, isto, esta torpêza, respondeu sr. dr. Nordeste com o aprumo e a nobreza de quem não teme por que não deve:

«*Sr. diretor.* Meu presado amigo. Foi com justificada surpreza, que no numero de hoje, do muito conceituado jornal de v. li, em «Os factos politicos», a informação evidentemente fornecida pelo deputado, sr. Leote do Rego, de que me não daria resposta alguma em razão de sua excelencia ter a categoria de contra-almirante e eu... a de tenente miliciano.

Ha aqui, evidentemente, um grande equivoco, sr. diretor.

Fui atacado no parlamento pelo deputado, sr. Leote do Rego. Eu, oficial miliciano durante a guerra, passei depois a funcionario do ministerio dos negocios estrangeiros, e ultimados que sejam os serviços que ainda me estão incumbidos, voltarei, provavelmente, á minha banca de advogado.

Aparece-me agora a revelação de que o deputado que me agravou é... contra-almirante. Teria sido por ele sêr contra-almirante e me supôr simples tenente que me afrontou?

Eu nada tenho com o sr. Leote do Rego, contra-almirante. Desconhecia mesmo naquele deputado essa qualidade.

Sei que existiu, em tempos, um oficial superior da armada com esse nome, mas tinha até a impressão de que esse oficial, que em 5 de dezembro comandava a divisão naval, considerada o mais solido esteio do governo republicano de então, morrera. E que morrera mesmo na ocasião em que ao dirigir-se ao seu navio, fôra impedido de entrar nele, pela ameaça dum cabo de marinheiros á frente dum punhado de insubordinados. E que morrera assim, no seu posto, cumprindo o seu dever e justificando a ilimitada confiança que nele depositava o governo da Republica. Será este o mesmo, ou será outro, o deputado que aparece a tentar intimidar-me e amordaçar-me?

Não póde sêr assim, sr. diretor. Não estando em serviço militar, creio que nada póde impedir que me defenda, seja contra quem fôr que me ataque com o fundamento das funções civis que exerço ou exerci.

Alude-se tambem na referida nota a factos que me são imputados no desempenho do meu cargo.

Acabo de falar aos srs. ministro dos negocios estrangeiros, e diretor geral dos negocios politicos e diplomaticos e por eles estou autorizado a declarar que nada naquele ministerio existe contra mim, como se pretendeu insinuar. Fica assim desfeita a insinuação com que mais uma vez se abusou da boa fé da imprensa.

Não póde sêr, sr. diretor, que os regulamentos me obriguem a calar, como o sr. Leote julga. E senão, veja-se o absurdo a que conduz uma tal interpretação do direito da defeza dos funcionarios:—num paiz de regimen democratico, de serviço militar obrigatorio e de organisação baseada no sistema miliciano, em que, excepto os invalidos, todos são militares, o brio e o bom nome de todos os homens, dos 17 aos 50 anos, esteja inerme e á mercê das mais gratuitas ofensas e concarrices de quem quer que, tendo mais galões, disponha da tribuna parlamentar para atacar e [illegible] sem responsabilidade.

Não póde sêr, sr. diretor. E não é de ser assim.

Deduzo que ao deputado, sr. Leote do Rego, não convem que me defenda e que na minha defeza eu publique alguns factos que venham a edificar o publico sobre os seus manejos... diplomaticos. Tanto peor para

Nunca estive mais de-
gora a fazer luz sobre
não me intimidam as
que novo, especie de
io a que se pretende
a dois dias vem anun-
eiros politicos.
a inserção destas li-
tc.—*Alfredo da Cruz*
Noraeste.»

Isto ilucida e edifica. Sobre tudo, imortalisa o grande homem que é o sr. Leote do Rego e justifica o seu *desinteresse* pela moralidade da nossa administração no estrangeiro.

O que a opinião publica agora espera é que o sr. dr. Nordeste traga a publico os documentos a que alude e cuja existencia mais alguem nos garante.

Vamos a isso. O sr. Leote já se calou. Mas só quando reconheceu com que adversarios se batia. Emquanto esteve só em campo, não houve mentira de que se não socorresse para agredir, de longe, quem nem de longe nem de perto o agredira a ele.

Foi o *Campeão* quem primeiro tomou a defeza das vitimas dos seus odios. Ha de sêr tambem o ultimo a falar, se Deus quizer, e póde crêr o sr. Leote que não perderá com a demora.

Mortos

No sabado ultimo, já quando o *Campeão* circulava, recebiamos aqui a noticia da morte inesperada do sr. dr. Antonio Frederico de Morais Cerveira, nosso velho amigo, velho amigo do *Campeão*, de que era assiduo leitor e em alguns numeros do qual, embora ráros, colaborou.

Membro duma distinta familia e senhor duma importante fortuna, exerceu cargos de confiança publica com uma admiravel energia e bem compreendida e demonstrada devoção, sendo o primeiro presidente eleito para a Camara municipal de Ilhavo logo após o desdobramento ou a desanexação daquele concelho com o nosso.

Carater de fina tempera, educado nos sãos principios da mais elevada e rigorosa honestidade, prestigiou o seu nome por actos que se registam na memoria dos que o conheceram, sendo tambem daqueles a quem a caridade mais deve.

Tendo falecido lá fóra, veio dormir o ultimo sono para a vila da sua residencia, sendo o cadaver acompanhado da estação desta cidade até Ilhavo por grande numero de pessôas de representadaqui e de lá.

A' desolada senhora que na vida lhe foi por muitos anos companheira carinhosa, os nossos mais sentidos pesames. A seus cunhados e mais familia dorida, a expressão tambem do nosso sentimento.

Na sua casa de Requeixo faleceu ha algumas semanas o sr. José Fernandes, pai do nosso amigo e considerado industrial em Espozende, sr. Manuel Fernandes de Carvalho.

Foi um homem de acção no trabalho e com excelente educação, falecendo com 80 anos de edade.

O seu funeral foi muito concorrido.

A' familia enlutada, os nossos pezames.

Agradecimento.—A familia do falecido Jesé Fernandes, de Requeixo, em extrêmo penhorada com todas as pessôas que durante a doença do seu extremoso chefe, e agora na sua morte, a acompanharam prestando ao falecido as homenagens de carinho e afeto que lhe prestaram, a todos agradece penhoradamente reconhecida.

Congresso beirão

Reuniu-se na terça-feira, no edificio do governo civil, a convite do sr. secretario geral, dr. Melo Freitas, que está servindo de governador civil, um grande numero de cavalheiros da cidade e dos diferentes concelhos do distrito, afim de se assentar na cooperação que este distrito deve dar ao Congresso das Beiras, que em junho proximo se deve realisar em Vizeu.

Exposto o fim da reunião pelo sr. dr. Melo Freitas, usaram da palavra os srs. dr. Alberto Souto, Silverio da Rocha e Cunha, Afonso Perdigão, Tiago Ribeiro e Alberto Ruela, advogando a adesão entusiastica ao Congresso, pois dêle podiam resultar importantes beneficios para o distrito, e que para se tornar efetiva uma representação condigna no Congresso fosse nomeada uma comissão central para dirigir todos os trabalhos.

Aprovado este alvitre, procedeu-se á sua eleição de que resultou sairem eleitos os srs dr. Joaquim de Melo Freitas, Silverio da Rocha e Cunha, Alberto Souto, Afonso Perdigão, dr. Lourenço Simões Peixinho, dr. José Maria Soares, Antonio H. Maximo Junior, Francisco da Silva Rocha e João A. Marques Gomes.

A comissão ficou autorisada a agrupar os cavalheiros que entendesse e que lhe possam prestar serviços para levar a efeito o fim para que foi eleita, a nomear varias comissões concelhias e a organisar a sua representação no Congresso.

Por fim foi dado um voto de louvor e agradecimento á Associação-comercial pelos serviços que já havia iniciado sobre o Congresso.

*

Tambem a proposito se realisou ontem nas salas da mesma associação uma reunião para que recebemos amavelconvite, mas á qual não assistimos por absoluta impossibilidade.

Horas melhores

O sr. Estevam Augusto Dengue, que mora em Lisboa, rua da Trindade, 42, 3.º andar, era atormentado, havia já muito tempo, de uma dispepsia, que lhe causava um grande e incomportavel sofrimento. Um dia, emfim, decidiu-se a tomar as Pilulas Pink, cujos efeitos beneficos não tardou a sentir, segundo se lê numa carta que nos dirigiu e que em seguida publicamos:

«Depois de ter tomado, sem o minimo resultado, varios medicamentos, afim de debelar uma dispepsia que me fazia sofrer sem descanço, resolvi seguir o tratamento das Pilulas Pink e, passado algum tempo, tive a boa sorte de ver desaparecer por completo o intenso sofrimento que tanto me torturava. Só me resta exprimir aqui a v. a minha alegria e a minha profunda gratidão.»

Não percam de vista que a maior parte das vezes nada se tem no estomago. As perturbações que nesse orgão se sentem, são unicamente devidas a um estado de anemia, mais ou menos pronunciado, que vai repercutir mais particularmente no estomago. Tomem as Pilulas Pink, isto é, introduzam no organismo sangue novo, e experimentam imediatamente um bem estar, que não é senão a resultante de retomarem a sua atividade todos os orgãos, melhor alimentados, nutridos muito melhor, por um sangue mais rico e mais puro.

São as Pilulas Pink soberanas contra: a anemia, clorose, fraqueza geral, dôres de estomago, enxaquecas, nevralgias, dôres, irregularidades, extenuação nervosa.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 950 réis a caixa, 5$300 réis as 6 caixas. Deposito geral: Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45—LISBOA.

Nos campos e nas eiras

A nespereira

A nespereira desenvolve-se com pujança e frutifica com regularidade em todo o nosso país, sobretudo nas provincias do sul onde as temperaturas são mais elevadas.

A nespreira póde multiplicar-se por sementeira, mergulhia e enxertia. sendo o primeiro processo geralmente adotado entre nós, e com razão de ser, porquanto é certo que sendo as sementes de boa casta, reproduzem de ordinario, exatamente a variedade donde provêm.

A nespreira, embora se aguente em todos os terrenos, para prosperar deve sêr colocada em terra profunda e fresca, um tanto siliciosa.

Em geral esta arvore toma a fórma regular e simetrica de copa, dispensando por isso a aplicação de podas.

Apoplexia das videiras

A *apoplexia* consiste na morte repentina, total ou parcial, das cepas sãs e vigorosas.

A videira, ou a parte atacada murcha sem demora; as folhas emurchecidas tornam-se baças, tomondo depois a côr amarelada ou rosada, entre as nervuras, junto das quais ainda permanecem verdes mais tempo.

Nos sarmentos. a casca, a principio amarelada, toma por fim o tom acastanhado; dá-se depois a seca, de cima para baixo.

Não são bem conhecidas as causas da *apoplexia*, parecendo comtudo, as mais das vezes, derivar de um acentuado desiquilibrio entre a transpiração foliacea e a absorpção radicular; das mudanças bruscas de temperatura; do calor forte no estio, acompanhado de vento seco, tendo a primavera sido chuvosa e temperada, etc.

As vinhas dos terrenos fundos e ricos são mais *predispostas* para a *apoplexia;* é ainda mais frequente nuns *cavalos* americanos que noutros: a *Riparia Grande Glabra*, é das que mais sofrem com este acidente vegetativo.

Como meios preventivos preconisam a drenagem do terreno, para regularisar a humidade e o emprego limitado dos adubos soluveis, que imprimam á vegetação maior desenvolvimento.

O tratamento aconselhado é o seguinte:—se o ataque foi parcial, convem cortar os ramos atingidos, pondo a cepa no são, ou mesmo rebaixa-la e enxertar de novo se tanto fôr necessario.

Quando a *apoplexia* é total o mais radical é arrancar a cepa, porque resiste poucas vezes, e ainda mesmo que resista fica muito fraca.

Cartaz do CAMPEÃO

Feira de março

EM

AVEIRO

Firmino de Vilhena d'Almeida Maia, chefe da secretaria municipal do concelho de Aveiro

FAZ-SE publico que, em conformidade com o disposto no respetivo regulamento, todos os concorrentes á *Feira de março*, que nesta cidade se realisa anualmente naquele mez e seguinte, terão de dirigir-se á firma Reis & Filho, de Aveiro, concessionaria do abarracamento respetivo, requisitando por lanços o numero de barracas que pretendam, designando o ramo de comercio a que se destinam, até ao dia 15 de fevereiro proximo.

Mais se avisam de que, em harmonia com as exigencias da epoca e por que os materiais e mão de obra subiram de preço, o custo das mesmas barracas foi no corrente ano elevado tambem, e de que os concorrentes que façam os seus pedidos fóra daquele praso terão de satisfazer a mais a taxa legal.

Aveiro e Secretaria municipal, 14 de janeiro de 1921.

O Chefe da Secretaria,

Firmino de Vilhena d'Almeida Maia.

PILULAS BOISSY

O PURGANTE IDEAL

Nenhum laxante é tão perfeito

Casa VENDE-SE uma, situada ao fim da rua das Barcas, no Alboi. Tem 1.º e 2.º andar.

Quem pretender deve dirigir-se ao seu proprietario, dr. Pereira da Cruz.

Convite

Efectuando-se no proximo dia 29 a inauguração dos retratos dos saudosos João Pinto de Miranda e Domingos Vieira Guimarães, por iniciativa duma comissão expressamente organizada para perpetuar as suas memorias, vem esta convidar todos os admiradores dos extintos, a assistir á missa seguida de *Libera-me*, que será rezada na egreja do Carmo, pelas 11 horas, e á sessão soléne que se efectuará na séde da banda dos Bombeiros-voluntarios de Aveiro, pelas 20 horas.

Comarca de Aveiro

ALMOEDA

(1.ª publicação)

POR deliberação do conselho de familia, no inventario orfanologico a que neste Juizo e cartorio do quarto oficio se procede por falecimento de Joaquim de Pinho Vinagre, viuvo, maritimo, que foi de Ilhavo, e em que é cabeça de casal Manuel de Pinho Vinagre, casado, maritimo, residente na mesma vila, vão ser postos em almoeda, no dia seis de fevereiro proximo, por 12 horas, no Tribunal-judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, para serem arrematados por quem mais oferecer acima da sua avaliação, preço por que vão á praça, todos os moveis que fazem parte da herança inventariada, e que serão mostrados no acto da arrematação.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos, que se julguem interessados na aludida arrematação, para nela deduzirem os seus direitos nos termos, da lei sob pena de revelia.

Aveiro, 11 de janeiro de 1921.

Verifiquei. ——————

O Juiz de direito substituto,

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

CASA DE CREDITO POPULAR

AGENCIA N.º 33

Rua da Alfandega e Largo Bento de Magalhães

(Edificio da Filial da Caixa Geral de Depositos)

Efectua empréstimos sôbre ouro, prata, pedras preciosas, PAPEIS DE CRÉDITO DO ESTADO, roupas, mobiliário, pianos, maquinas de costura e tudo quanto ofereça garantia ao

Juro de 7 % ao ano

JUROS A PAGAR POR MEZ:

De 1$20 a 1$88, 1 ctv. (10 reis)
De 1$89 a 3$59, 2 ctv. (20 reis)
De 3$60 a 5$31, 3 ctv. (30 reis)
De 5$32 a 7$02, 4 ctv. (40 reis)
De 7$03 a 8$74, 5 ctv. (50 reis)
De 8$75 a 10$45, 6 ctv. (60 reis), etc.

Banco Nacional Ultramarino

Banco emissor
para as colonias portuguezas
Sociedade anonima de responsabilidade Limitada

SÈDE EM LISBOA

Rua do Comercio

Capital autorisado..... esc. 48 milhões
Capital realisado..... esc. 24 milhões
Fundo de reserva..... esc. 24 milhões

Filial de Aveiro

Recebe depositos ás seguintes taxas

Depositos a praso { 3 mezes 4 ½ %; 6 » 5 %; 12 » 6 %

Depositos á ordem..... 4 %

Plantações de arvoredos

PARA

LENHAS E MADEIRAS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, horticultores na cidade do Porto, pretendendo fazer plantações de arvores proprias para lenhas e madeiras, como Eucaliptus, Platanus, Freixos, Nogueira-americana, Robinias, Cerejeiras, Castanheiros, Nogueiras, Choupos, Carvalhos-americanos, Negrilhos, Australias, etc., pedem aos proprietarios de terrenos incultos de charneca ou de pinhal para entabolarem correspondencia, pois fazem estas plantações sem dispendio algum para o proprietario, só com divisão de lucros na ocasião dos córtes.

Dirigir a correspondencia a Alfredo Moreira da Silva & Filhos, R. do Triunfo, 5—PORTO.

A. D. MARQUES

RUA DO OURO, 200

LISBOA

Bijouterias — Ferragens e cutelarias — Novidades

Todos os artigos de importação alemã.

Carvão de forja.

Vende generos alimenticios e diversos cereais.

❋ SERÕES ❋

(209)

Penhor materno

DECIMA SETIMA PARTE

TRADUÇÃO DE JOSÉ BEIRÃO

Segue a leitura

II

— Sou um homem, minha senhora, respondi, que se honra com a confiança do conde da Fé.

— E vem em nome dele?

— Justamente.

Neste ponto houve uma pausa. A marqueza parecia um tanto desconfiada com as minhas palavras, e sem desviar de mim aquele olhar gelado que me penetrava no fundo d'alma, acrescentou:

— Segundo me consta, o conde da Fé está atualmente numa casa das margens do lago Leman.

— E' verdade, sr.ª marqueza.

— E ha muito tempo?

— Ha proximadamente vinte dias.

— Veiu primeiro que eu, disse em voz baixa.

E mudando para um tom mais alto, ajuntou:

— O sr. conde tenciona demorar-se ainda muito no lago?

— Conforme.

— Ah!

E passado um momento de silencio, a altiva fidalga perguntou-me:

— Sabe porque veiu a Genebra o sr. conde da Fé?

E ao dizer isto olhou-me dum modo que teria perturbado qualquer homem menos sereno do que eu.

— Veiu buscar alivio para a sua deteriorada saude, respondi com o maior socego.

— Só para isso?

— Só.

Então a marqueza fez um gesto de indiferença e acrescentou:

— Emfim, que deseja o senhor ou antes o conde, visto que vem em nome dele?

— Deseja ter uma entrevista sem testemunhas com a sr.ª marqueza del Radio.

Grande confiança deve ter o conde no senhor para o encarregar de similhante missão.

— Eu sou mudo, cego e surdo quando isto convém ao sr. conde.

— E não lhe entregou alguma carta para mim?

— Não, minha senhora.

— E' singular!

— Apenas me disse: «Lourenço, tenho em ti a maior confiança, por isso te vou incumbir duma importante missão. Sei que a marqueza del Radio está alojada no palacio Diodati. Tambem não ignoro que, neste momento, a sua ilustre familia está tratando de resolver um problema bastante dificil, cuja solução é talvez facil, para mim. Sempre tive em grande apreço a amisade de D. Beatriz; por isso, monta no meu melhor cavalo, e vae procurar a marqueza; se já não estiver no palacio Diodati, corre a Genebra; se tambem lá não a encontrares, parte para Hespanha. E' indispensavel que lhe fales e que lhe digas que necessito ter uma entrevista com ela». Desempenhei-me do encargo, minha senhora, e só espero que v. ex.ª me diga o que devo participar ao sr. conde.

D. Fernando escutava com o maior interesse a narração de Loureuço, sem se atrever a interrompel-o; mas ao chegar a este ponto, não pôde deixar de perguntar:

— E que te respondeu?

— A marqueza ficou alguns momentos indecisa, dizendo afinal:

— Resolvi partir para Hespanha daqui a algumas horas. Diga ao conde que terminou a minha missão no lago Leman, como creio que terminou a d'ele; mas que em Madrid poderá visitar-me quando quizer.

— Mas tu devias insistir! gritou o conde ao ouvir as ultimas palavras de Lourenço.

— Não ha insistencias possiveis com um caracter como o da sr.ª marqueza. Ia a replicar, quando ela, estendendo o braço com gesto de rainha, me interrompeu, apontando para a porta:

— Falta já pouco tempo e tenho de preparar-me para a viagem. Comunique ao conde o que lhe disse.

— Oh! se eu não soubesse que essa mulher odeia tanto como eu o general Lostan, hoje mesmo me vingaria de toda essa gente! rugiu o conde. Lourenço, põe tudo em ordem para partirmos ao romper do dia.

— Para onde?

— Para Hespanha.

— Socego e prudencia, sr. conde. Nós somos a sombra negra do general Lostan, e sombra segue sempre o corpo. Emquanto o general aqui estiver, nós não devemos arredar passo. Não nos faltará ocasião de regressar a Hespanha e de ter com a marqueza del Radio quantas entrevistas forem necessarias.

O conde soltou um rugido e deixou-se cair numa poltrona.

Decima oitava parte

A convalescença

I

Onde se demonstra que o general Lostan não se esquece dos seus inimigos

O dr. Samuel tinha proibido Clotilde e Daniel de falarem ao general, em negocios de familia.

(Continúa).

R. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Deseado, em 1 de janeiro.

Para o Rio de Janeiro, Santos, Monteveu e Buenos-Ayres.
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 375$00.

Araguaya, em 10 de janeiro.

Para Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos-Ayres
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 480$00

Este Paquete sae de LISBOA no dia seguinte e mais os Paquetes

Almanzora em 3 de janeiro.

Para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 380$00

(Impostos compreendidos)

A bordo ha creados portuguezes

Nas agencias do Porto e Lisboa, podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

AGENTES

NO PORTO: TAIT & C.ª 19, R. do Infante D. Henrique

EM LISBOA: James Rawes & C.ª Rua do Corpo Santo, n.º 47-1.º

Impõem-se aos que primam pelo bom gosto e prezam a econonomia

Os mais sensacionais sortimentos em tecidos chics e de maior novidade para

FATOS DE VERÃO

Vêr as exposições e observar os preços sem receio de confrontos e para o publico uma questão capital

Amadeu Cardoso da Silva

CONFEITARIA MOURÃO, SUC.ra

TEM sempre á venda os mais finos dôces de ovos, especialidade da terra. Sortido variadissimo, para chá e sobremeza, numa escolha esmerada e abundante.

Encarrega-se de despachar nas melhores condições todas as encomendas e para todos os pontos do paiz, Africa e Brazil, onde tem os seus revendedores.

Descontos aos revendedores d'Ovos moles, em latas ou barricas de variados tamanhos. Mariscos da ria de Aveiro, em conserva. Saborosas enguias assadas á pescador.

Rua Coimbra — Aveiro

Chapeus e confeções para senhora e criança

As maiores novidades no atelier da rua Coimbra n.º 9—AVEIRO.

ALZIRA PINHEIRO CHAVES

VIDEIRAS AMERICANAS barbados e enxertos de castas mais resistentes e productivas. Qualidades garantidas. Enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho — AVEIRO — Requeixo.

Mobilia de quarto

VENDE-SE uma em estado de nova, muito elegante, de nogueira ameriana. Na rua Direita, n.º 21, Aveiro, mostra-se e dão-se todas as informações.

ANUNCIO

VENDE-SE uma parelha de cavalos, uma vitória e arreios.

Quem pretender fale com Luiz Alberto Couceiro da Costa.

Aveiro—R. DO GRAVITO

VENDE-SE

Uma das partes da Ilha de Monte Farinha, composta de marinhas de sal, etc.

Quem pretender fale com o seu proprietario Joaquim Maria da Silva Vagueiro (o Ferrôlho), do Ribeiro da Murtoza.

P. S.—Aceitam-se propostas por carta.

Lenha sêca

No dia 30 do corrente mez, pelas 12 horas, vendem-se em praça particular, no estabelecimento de A. F. Sucêna & Irmão, na vila de Agueda, 20 milheiros de lenha.

Esta lenha encontra-se no Pisco e Rio-côvo, freguezia de Agueda, onde os pertendentes a podem vêr.

A ELEGANTE

ESTAÇÃO DE VERÃO

Modas e confeções ❋ Camisaria e gravataria

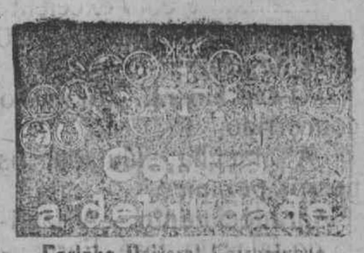
Pompeu da Costa Pereira

R. de José Estevam ❋ R. Mendes Leite

RECEBEU já todo o sortido para a presente estação em artigos da mais alta novidade e apurado gôsto, importados directamente dos principais centros productores do estrangeiro, competindo com as casas de modas do Porto e Lisboa. — E'tamines, para vestido, grandioso sortimento desde $65 o metro. — Gabardines, em lindissimas côres, para vestidos, desde 2$00.—Cortes de bluza, em sêda crúa; Crêpe Georgete, alta novidade. —Voiles, Gazes Crêpes da China, Chifons, Moussines, etc., etc.

Especialidade em morins e estamparias para enxovais

Fazendas brancas — AVEIRO — Perfumarias



Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tonica reconstituinte, do mais reconhecido merecimento nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e nas que, em geral, carecem de forças no organismo. É ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas e creanças.

Está legalmente autorizado o privilegiado.

Pedro Franco & C.ª L.da

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147-LISBOA